

**ESPAÇOS CONSTRUÍDOS, SÍMBOLOS E RITOS DA
MORTE DAS ANTIGAS SOCIEDADES CAMPONESAS NO
EXTREMO SUL DE PORTUGAL: ALGUMAS REFLEXÕES
SOB A FORMA DE SETE QMF¹**

Victor S. Gonçalves²
Universidade de Lisboa

*Hay pueblos en los que la historia se ha detenido los años que hagan falta.
La historia se detiene, retrocede, a veces vuelve, se repite...*

Vázquez Montalbán, *Milenio Carvalho II*, 2004, p. 79

RESUMEN: El extremo sur de Portugal forma una región a veces conocida como El Algarve, pero cuya unidad geográfica es sólo aparente al referirse al Neolítico. En lo referente al megalitismo, más concretamente, existe un fenómeno específico en los yacimientos cistoides de Monchique, sin paralelos relevantes en el oeste peninsular. Los dólmenes, *tholoi* e hipogeos se distribuyen asimismo según complejas órbitas de influencia, algunas atribuidas al medio y bajo Alentejo y otras a Andalucía.

Entre tan variadas influencias debería haber lugar para la individualidad, que no parece muy evidente a excepción de Monchique y de la arquitectura de Nora y Marcela.

Antes de dedicarse a otras cuestiones con menor número de respuestas, el autor selecciona siete qmf (las preguntas más frecuentemente formuladas) referidas a los espacios construidos, los símbolos y los rituales de la muerte en las antiguas sociedades campesinas del extremo sur de Portugal: 1. ¿Existe una secuencia cronológica-cultural en el megalitismo del Algarve que sea detectable por medio de una cronología absoluta?, 2. ¿Qué son las necrópolis de Monchique?, 3. ¿Es autónomo e independiente el megalitismo ortostático del extremo sur?, 4.- ¿De dónde proceden las placas de pizarra grabadas de los monumentos del Algarve?, 5. ¿Se originan los artefactos votivos de piedra caliza en el Mediterráneo o la Península de Lisboa?, 6. ¿Reflejan los hipogeos una influencia andaluza?, 7. ¿Están relacionados los *tholoi* de Alcalar y el este del Algarve con los del Alentejo? Para concluir, "... incluso cuando un fenómeno tiene una única explicación inmediata y 'verdadera', el hecho de que generalmente lo desconozcamos puede dar lugar a varias y legítimas posturas paralelas, tantas como pueda corresponder a las observaciones documentadas que se pueda tener del mismo".

PALABRAS CLAVE: Megalitismo (antas, *tholoi*, hipogeos), cronología absoluta del megalitismo del Sur de Portugal, artefactos votivos de caliza, Extremo Sur de Portugal, Andalucía.

BUILT SPACES, SYMBOLS AND THE RITUALS OF DEATH IN ANCIENT PEASANT SOCIETIES OF THE EXTREME SOUTH OF PORTUGAL. SOME CONSIDERATIONS AS SEVEN FAQ MOST FREQUENTLY ASKED QUESTIONS

ABSTRACT: The Extreme South of Portugal forms a natural region, sometimes known as Algarve, but whose geographic unity, when referring to the Neolithic, is only apparent. Regarding megalithism, especially, there is a specific phenomenon in the cist-like graves of Monchique, without a parallel in the West of the Peninsula; *dolmens*, *tholoi* and hypogea are also distributed according to complex orbits of influence, some attributed to the middle and lower Alentejo, others to Andalusia.

1 qmf: questões mais frequentes.

2 Director do primeiro projecto de cartografia arqueológica do Algarve pós-Estácio da Veiga (o projecto CAALG, 1975) e autor da primeira tese de doutoramento sobre arqueologia do Algarve (1989). vsg@fl.ul.pt.

Amongst such distinct influences, there ought to be room for individuality (of which, except for Monchique and the architecture of Nora and Marcela, not much seems evident).

The author selects seven *faq* (*most frequently asked questions*) concerning built spaces, symbols, and the rituals of dead in ancient peasant societies of the Extreme South of Portugal (1. Is there a chronologico-cultural sequence in the Algarve megalithism detectable through an absolute chronology? 2. What are the Monchique necropolises? 3. Is the orthostatic megalithism of the Extreme South autonomous and independent? 4. Where do the engraved schist plaques of the Algarve monuments come from? 5. Do the votive limestone artefacts originate in the Mediterranean or the Lisbon Peninsula? 6. Do hypogea reflect an Andalusian influence? 7. Are the *tholoi* of Alcalar and the eastern Algarve related with the Alentejo?), before turning to other questions and fewer answers. To conclude, "... even when a phenomenon eventually has only one explanation, immediate and "true", the fact that one generally doesn't know it may give rise to several and legitimate parallel lives. As many as may correspond to the number of times one's informed vision may focus upon it."

KEYWORDS: Megalithism (passage graves, *tholoi*, hypogea), absolute chronology of the portuguese megalithism, votive limestone artefacts, Extreme South of Portugal, Andalusia.

1. Há uma sequência cronológico-cultural detectável no megalitismo do Algarve através da cronologia absoluta?
2. O que são as necrópoles de Monchique?
3. No Extremo Sul, o megalitismo ortostático existe autonomamente?
4. De onde vêm as placas de xisto gravadas dos monumentos algarvios?
5. Os artefactos votivos de calcário vêm do Mediterrâneo ou da Península de Lisboa?
6. Os hipogeus traduzem uma influência andaluza?
7. Os *tholoi* de Alcalar e do Algarve oriental têm que ver com o Alentejo?

ALGUMAS PALAVRAS PRÉVIAS QUE ME PARECEM INDISPENSÁVEIS

Desenvolvendo actualmente linhas de investigação que têm que ver com as antigas sociedades camponesas e a evolução específica do megalitismo no Alentejo médio, a sua integração no contexto do Ocidente peninsular provocou-me sempre um interesse particular pelos fenómenos geograficamente periféricos, particularmente quando apresentam a riqueza e a diversidade registada desde o séc. XIX no

Extremo Sul. Uma região em que, aliás, escavei e publiquei, em anos difíceis, alguns monumentos megalíticos, incluindo um *tholos*. Este texto apresenta-se, assim, não como uma proposta de síntese, mas sobretudo como uma reflexão sobre estruturas e o seu conteúdo, sob ritos e escolhas, compassados *sotto voce* pelo factor tempo, aquele que, justamente, pior é conhecido nos casos em análise.

Este é também, provavelmente, um dos últimos textos que dedico à arqueologia do Algarve, de que tenho, em termos institucionais, péssimas memórias.

Dedico-o à memória de José Janeirinho, Luís Gouveia e Nuno Santos, que escavaram nas primeiras campanhas de Corte João Marques, Eira dos Palheiros e Santa Justa, e que tão depressa desapareceram. A amargura do primeiro, a alegria esfusante do segundo, a inteligência pouco comum do terceiro marcaram os «tempos de serra», no Alto Algarve Oriental. E, ao lamentar estas perdas, que me seja perdoado lembrar a mais pesada para mim, a do meu próprio filho António, que percorreu muito cedo os duros carreiros das Pedras Altas, ou do acesso a Corte João Marques, e

tantas vezes comigo olhou para longe na encosta do Cerro do Castelo de Santa Justa. Maus são os tempos em que tantos e tão cedo ficam pelo caminho.

1. HÁ UMA SEQUÊNCIA CRONOLOGICO-CULTURAL DETECTÁVEL NO MEGALITISMO DO ALGARVE ATRAVÉS DA CRONOLOGIA ABSOLUTA?

A primeira das sete questões é sem dúvida a de resposta mais simples: claro que sim, ainda que em termos forçosamente genéricos, uma vez que apenas uma data de radiocarbono (e sobre um contexto antigo e duvidoso) está disponível para os monumentos presumidos de tipo *tholos* e três outras para um hipogeu, Monte Canelas, quase no extremo oci-

dental do Algarve. Ainda se obtiveram outras três datações, que se registam aqui, apesar de todas as reservas que suscitam, as do monumento da Pedra Escorregadia (Vila do Bispo).

Será este conjunto representativo das práticas funerárias das antigas sociedades camponesas?

Duvido muito: o megalitismo ortostático não possui uma única datação, os monumentos cistóides de Monchique também não e as próprias datas obtidas para monumentos definitivamente colectivos de origem, como Monte Canelas, referem-se a realidades cuja conexão com a fase inicial dos monumentos (aquela que se segue imediatamente à sua construção) nem sempre é fácil de definir.

De qualquer forma, são as seguintes as datações actualmente disponíveis:

Monumento	Tipo	Registo	Natureza	Anos ¹⁴ C BP	Anos cal BC 1 sigma	Anos cal BC 2 sigmas
Castro Marim	<i>Tholos</i> (?)	OxA-5441	Tíbia humana	4525+/-60	3350-3090	3370-2930
Monte Canelas	Hipogeu escavado na rocha	ICEN 1149	Carvão complexo 264	4460+/-110	3545-2919	3379-2881
Monte Canelas	Hipogeu escavado na rocha	OxA-5515 deposição primária	Osso humano	4370+/-60	3080-2910	3290-2880
Monte Canelas	Hipogeu escavado na rocha	OxA-5514	Osso humano, deposição primária, complexo 342	4420+/-60	3260-2920	3340-2900
Pedra Escorregadia	Monumento megalítico atípico	ICEN-844	Ossos humanos	<i>Ver legenda</i>	<i>Ver legenda</i>	2881-2460
Pedra Escorregadia	Monumento megalítico	ICEN-846	Conchas	<i>Ver legenda</i>	<i>Ver legenda</i>	3360-2920
Pedra Escorregadia	Monumento megalítico	ICEN-847	Conchas	<i>Ver legenda</i>	<i>Ver legenda</i>	3370-2709

Quadro 1: datas de radiocarbono disponíveis para o megalitismo funerário do Algarve. Castro Marim segundo Gomes *et al.*; Monte Canelas segundo Silva, 2002; Pedra Escorregadia segundo Gomes, 1997, p. 179-180. Sobre esta última datação, os valores ausentes não foram indicados aquando da publicação e, de acordo com as normas, reescreveram-se os parâmetros sempre que mais que um intervalo de tempo foi obtido para uma única amostra

Na verdade, poderíamos suspeitar de uma «excessiva» antiguidade de estes intervalos de tempo, frente aos outros dados disponíveis para o Centro e Sul de Portugal. Mas só se não tomássemos em conta o seu parâmetro inferior.

A datação dos *tholoi* está hoje pacificamente colocada na primeira metade do 3º milénio, em anos de calendário, existindo datações disponíveis para conjuntos fiáveis. Essas datações são, apesar de raras, significativas, algumas obtidas directamente sobre osso humano (*tholos* OP-2b, em Reguengos de Monsaraz), outras sobre artefactos de osso polido, como os alfinetes de cabelo (grutas artificiais da Praia das Maças, Casal do Pardo 3 e S. Paulo 2). Os alfinetes de cabelo do complexo funerário da Praia das Maças, provenientes da Câmara Ocidental, anterior à construção do *tholos*, localizam-se entre 3340 e 2880 (OxA-5509) e 33190 e 2890 (OxA-5510), cal BC a 2 sigmas. Um outro, proveniente da gruta artificial 3 do Casal do Pardo, entre 2870 e 2460 (OxA-5508). Três intervalos de tempo que, tal como os de Monte Canelas, não excluem a primeira metade do 3º milénio.

E é justamente a questão levantada pelos hipogeus, os monumentos escavados no calcário, que suscita um maior número de interrogações. E não é difícil saber porquê: não é impossível que tenham sido concebidos como monumentos para um único utilizador, mas o certo é que foram intensamente usados durante todo o 3º milénio e mesmo durante o 2º. Em Portugal, escavados normalmente sem cuidados excessivos, até mesmo para os níveis da época, monumentos como os de Alapraia ou até os de S. Pedro do Estoril, forneceram informação muito abaixo das expectativas, se exceptuarmos as características «artísticas» únicas de alguns dos arte-

factos votivos que os integravam, como as sandálias de calcário de Alapraia ou as taças tipo Palmela, mas com pé, de S. Pedro do Estoril.

A infelicidade da destruição quase total da gruta artificial de S. Paulo 2 (Almada) antes da intervenção dos arqueólogos e a não publicação, até ao momento, dos dados referentes a Monte Canelas, dificulta a nossa compreensão adequada do verdadeiro enquadramento das grutas artificiais. Mas se a primeira das situações é irreversível, espera-se que a segunda o não seja.

As datações disponíveis não fogem, porém, ao que tenho vindo a chamar a transição do 4º para o 3º milénio e os seus longos intervalos de tempo parece corresponderem a um leque temporal aceitável, nos últimos pontos dos intervalos obtidos, para a construção de grutas artificiais, sendo o misterioso monumento de Castro Marim impossível de classificar. Mas se fosse um *tholos* não estaria muito longe, no seu parâmetro inferior, dos três intervalos obtidos para o *tholos* OP-2b, em Reguengos de Monsaraz, que em termos absolutos variam entre 3311 e 2494 cal BC a 2 sigmas, mas, mais provavelmente, se situam entre 2883 e 2584³.

A sequência provada em Reguengos de Monsaraz de antas e *tholoi* (Comenda 2b, Farizoa 1b, Olival da Pega 2b e 2d), com alguma simultaneidade para os monumentos ortostáticos (STAM-3, Anta 3 da Herdade de Santa Margarida), e a sequência Grutas artificiais e *tholoi*, evidenciada no monumento da Praia das Maças, não está assim em causa.

Mas a questão fundamental é que nenhum dado existe sobre o megalitismo de meados do 4º milénio e muito menos sobre presumíveis manifestações megalíticas atribuíveis ao 5º. O que não nos deve incomodar, sabendo-se a proximidade do Mediterrâneo e a

escassa influência do antigo megalitismo atlântico numa região tão a sul.

Como recentemente afirmei, não é improvável a existência, no Sul de Portugal, de um megalitismo do 4^o milénio, ou mesmo, mais propriamente, da sua primeira metade, mas nenhum dado permite objectivamente sustentar tal suposição.

2. O QUE SÃO AS NECRÓPOLES DE MONCHIQUE?

É uma boa pergunta, sobretudo porque não tem ainda resposta.

Basicamente, poderia resumir-se a questão a outras duas:

1. as necrópoles em cista de Monchique são um fenómeno cronologicamente homogéneo, sendo os monumentos síncronos?
2. as necrópoles de Monchique resultam de um acumular de monumentos numa mesma área, com forte individualidade regional, e foram construídas durante o Neolítico médio e final (e até mesmo em inícios do Calcolítico)?

Estas questões estão longe de ter resposta simples, ou constituir escolha fácil, apesar de várias recentes tentativas nesse sentido⁴.

A questão das necrópoles de Monchique coloca-se também em torno a duas questões. A primeira diz respeito à concentração inusitada de monumentos de um tipo mal conhecido numa área relativamente restrita.

A segunda aponta uma contradição básica: o facto de as necrópoles parecerem reunir conteúdos relativamente homogéneos, mas cuja «antiguidade» é discutível. Num outro contexto, habitacional, o Cabeço do Pé da

Erra, originara já uma situação semelhante 'um comentário sobre conceitos normalmente confundidos como os de arcaico, arcaizante e antigo⁵. Na realidade, é mais fácil defender a antiguidade de conjuntos, por vezes substancialmente diversos, quando são rapidamente substituídos por outros, em áreas activas de grande mudança. Em áreas estáticas, ou de evolução lenta, como ilhas ou regiões montanhosas, o ritmo de mudança pode ser consideravelmente mais lento e afectar o processo de substituição integral dos conjuntos.

O que se quer dizer é que os elementos considerados antigos dos conjuntos de cistas de Monchique podem traduzir não uma efectiva antiguidade, mas a sobrevivência em contextos fechados 'ou de evolução' lenta de componentes de vida longa

Os argumentos habitualmente usados para defender uma pretensa antiguidade dos conjuntos de Monchique são basicamente a presença de numerosos geométricos; no entanto, como sabemos, em contextos da Península de Lisboa e do Alentejo os geométricos subsistem pelo menos até inícios do 3^o milénio.

É também certo que na maioria das circunstâncias tardias os geométricos passam a ser feitos sobre lâmina e não sobre lamela, como no Neolítico Antigo, e certo é também que as pontas de seta transversais não são conhecidas nos conjuntos mais recentes, e a impressão geral que se tira dos conjuntos líticos não contraria a ausência de uma elevada antiguidade.

O que é talvez o único indício de uma maior antiguidade consiste não tanto no conteúdo dos espólios funerários, mas na arquitectura e rituais da morte. Na realidade, os enterramentos individuais em cista não são muito frequentes e a sua presença poderia

4 GONÇALVES, V. S., (1989), vol. 1. GONÇALVES, V. S. (1997). GOMES, M. V. (1997).

5 GONÇALVES, V. S. (1982). GONÇALVES, V. S. (1983-84).

referir-se a uma tradição proveniente das comunidades do Neolítico antigo ou mesmo do Mesolítico. No entanto, há que sublinhar que no outro lado do Algarve, no Algarve Oriental, têm recentemente vindo a ser escavados monumentos cistóides cujo espólio é claramente tardio ou, se quisermos precisar, indiscutivelmente do 3^o milénio. Há assim que considerar como muito pouco provável que sem datações de radiocarbono se possa avançar proposições referentes a um correcto enquadramento cronológico-cultural das populações que foram depositadas nas cistas de Monchique.

Outra das situações que devemos invariavelmente referir diz respeito à presença de algumas referências artefactuais de enquadramento que em nada tem que ver com situações antigas. Refiro-me concretamente a placas de xisto e a artefactos metálicos. Pode-

ria eventualmente dizer-se que tal presença seria tardia e intrusiva, em conjuntos anteriores, mas o certo é que nada permite afirmá-lo. E não deixa de ser trágico que um dos grandes conjuntos do megalitismo português esteja assim inutilizado, na sequência de escavações tecnicamente mal conduzidas, que afectaram a quase totalidade dos monumentos.

No actual contexto, o que se pode afirmar com certeza é que, pela sua originalidade, o conjunto das necrópoles de Monchique é, de algum modo, um fenómeno único no contexto peninsular. Não é improvável que a sua localização cronológica coincida com a segunda metade do 4^o milénio, sendo provável que os mesmos espaços funerários ainda relativamente bem preservados tenham sido como tal reconhecidos por comunidades que ocuparam os mesmos espaços em épocas posteriores.

necrópole	#	c	l	ori	mc	ex	gv	trp	trg	mós	ccd	cc-ot	cer	esc	ba	lm	ps	px	obs
B. France	1	2,5	1	S	1	0	0	1	0	0	0	0	0++	0	0	6	0	0	machado de cobre envolvido em tecido. Núcleo.
B. France	2	2,5	0,9	SE	1	0	0	1	0	0	0	0	0+	0	0	0	0	0	
B. France	3	2	1,1	SE	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	
B. Preto	1	0	0	0	0	1	0	5	1	0	28	1	0	0	0	2	0	0	vários cristais de quartzo hialino
B. Preto	2	1,72	1	SE	4	5	1	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	
B. Preto	3	2,05	0	SW	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	cd em número não especificado
B. Preto	4	1,95	0	SE	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	
B. Preto	5	1,9	0	SE	2	1	1	0	0	0	0	0	0+	0	0	2	0	0	
B. Preto	6	3	0,85	E	7	4	0	3	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	
B. Preto	7	3,8	1,2	SE	2	3	0	4	4	0	20	2	0	0	0	5	12	1	placa de xisto gravada nas duas faces. Bloco de hematite.
E. Cavada	1	2,5	0,8	E	2	2	1	6	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	
E. Cavada	2	1,96	0	E	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
E. Cavada	3	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Palmeira	1	1,53	0,8	SE	0	1	0	2	0	0	200	0	fat	0	0	0	0	0	
Palmeira	2	2,96	1,18	E	1	1	0	29	1	1	1223	2	1+	0	0	10	1	0	1 serra de sílex
Palmeira	3	1,86	0,67	E	0	0	0	5	0	0	5	2	0+	0	0	1	0	0	
Palmeira	4	5,3	1,8	E	2	3	0	1	0	0	0	1	0	0	0	3	0	0	
Palmeira	5	2,3	1,09	SE	2	5	0	0	0	0	0	2	0+	0	0	0	0	0	
Palmeira	6	2,48	1,09	SE	9	6	2	3	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	
Palmeira	7	3,85	1,73	E	4	3	1	8	1	0	3	0	27	1	1	19	0	0	
Palmeira	8	2,25	1,1	SE	0	0	0	0	0	md	0	0	0	0	0	0	0	0	
Palmeira	9	1,35	0,7	SE	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Palmeira	10	1,5	0,85	SE	0	0	0	0	0	md	0	0	0	0	0	0	0	0	
Palmeira	11	1,85	0,7	E	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Palmeira	12	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Palmeira	13	2,25	0,75	0	1	3	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	
Palmeira	14	1,6	0,6	0	1	3	0	2	0	0	0	0	0+	0	0	1	0	0	1 cinzel
Palmeira	15	2,64	0,65	E	1	0	0	1	0	0	52	3	0+	0	0	2	0	0	1 lasca
Palmeira	16	1,56	0,9	SE	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1 da 2ª câmara: 1,06
Rencovo	1	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	placa de xisto gravada nas duas faces

Quadro 2 Monchique: Necrópoles, monumentos e resumo de conteúdos votivos. #: nº do monumento; c: comprimento; l: largura; ori: orientação; mc: machados; ex: enxós; gv: goivas; trp: geométricos (trapézios); trg: geométricos (triângulos); mós: dormente – moventes; ccd: contas de colar discóides; cc-ot: contas de colar de outros tipos; cer: recipientes cerâmicos; esc: escopro; ba: braçal de arqueiro; lm: lâminas e lamelas; ps: pontas de seta; pxg: placas de xisto gravadas. (seg. Gonçalves, 1989, adaptado). Sublinharam-se a *bold* Belle France 1, Buço Preto 7, Palmeira 2 e 7, e Rencovo 1. Belle France 1 por conter um machado de cobre (e um geométrico...), Buço Preto 7 pela presença de uma placa de xisto gravada, 12 pontas de seta, quatro trapézios e quatro triângulos, Palmeira 2 pelos 29 trapézios e pelas 1225 contas de colar, Palmeira 7 pelos 27 vasos cerâmicos e pelos nove geométricos, Rencovo 1 pelas duas placas de xisto gravadas, uma em ambas faces.

3. NO EXTREMO SUL, O MEGALITISMO ORTOSTÁTICO EXISTE AUTONOMAMENTE?

Colocada sem outro esclarecimento, a questão parece completamente idiota. Mas tem fundamento, se pensarmos que em todo o Barrocal e o Litoral algarvio apenas Alcalar I preenche sem contestação as características tradicionais de um monumento megalítico ortodoxo. Nora e Marcela são estruturas diversas, como já se escreveu⁶, e no Alto Algarve Oriental o megalitismo tradicional representa a orla periférica do megalitismo baixo-alentejano.

É certo que existem referências a antas nos volumes do trabalho pioneiro de Estácio da Veiga («Quinta das antas», junto a Torre d'Ares, Tavira, por exemplo...) e nas colecções do Museu Nacional de Arqueologia existem registos de uma «anta de Cacela», mas nada se sabe sobre esses monumentos e o sepulcro megalítico da Pedra Escorregadia, recentemente semi-escavado⁷, não corresponde a essa tipologia.

4. DE ONDE VÊM AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DOS MONUMENTOS ALGARVIOS?

Nos últimos anos multiplicaram-se os trabalhos sobre as placas de xisto gravadas do Ocidente peninsular, cuja distribuição maioritária se regista no Alentejo médio, sendo as Penínsulas de Lisboa e Setúbal, e, sobretudo, o Algarve, áreas relativamente periféricas em relação a este fenómeno.

Mas «periferia» não quer dizer completa ausência do «Centro», o conceito só é mesmo entendível se houver um Centro.

Ora, para além das placas de xisto gravadas recolhidas nos monumentos de Alcalar, e

dos fragmentos de Cacela, existe o bloco relativamente considerável identificado logo no séc. XIX em Aljezur, e presentemente em estudo no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA». São placas recolhidas no que pode ter sido um grande enterramento colectivo escavado no calcário, e que apresentam, como veremos adiante, características muito interessantes.

A simples observação das placas de xisto gravadas provenientes dos monumentos e sítios algarvios evidencia algumas situações, no mínimo bizarras.

Assim, a primeira imagem refere-se a uma particularidade indiscutível: a de entre algumas placas de Monchique e placas alentejanas existirem similitudes difíceis de explicar. Essas similitudes poderiam ser explicadas pela importação de artefactos votivos provenientes da região alentejana ou pela presença de grupos ou fragmentos de grupos alentejanos no Extremo Sul de Portugal.

A segunda imagem deriva do facto de algumas placas surgirem com paginações e componentes gráficos que indiciam particularidades que podem eventualmente ser atribuídas a uma componente local.

Quando observamos os conjuntos registados no Algarve Oriental, a sua filiação directa nos conjuntos alentejanos é indiscutível, o que é compreensível se considerarmos a extrema proximidade entre os monumentos megalíticos do Algarve Oriental, por um lado, e os grupos megalíticos baixo-alentejanos, por outro.

No que diz respeito às placas de xisto gravadas de Monchique, a diversidade registada contém na verdade todos os componentes que podem ser atribuíveis às diversas situações apontadas:

1. a presença de componentes da Cabeça das placas, construídos de uma forma

6 GONÇALVES, V. S. (1989): 69-72.

7 GOMES, M. V. (1997).

diferente do mais comum, indicaria a presença, neste conjunto, de situações diversificadas, explicáveis eventualmente por uma «originalidade criativa»;

2. mas também é certo que a geomorfologia do sítio de Aljezur não é incompatível com caminhos de descida ao longo da costa, Norte – Sul, muito mais fáceis que a penetração nas áreas mais fechadas da Serra de Monchique, o que explicaria outras situações, como a ilustrada pela Fig. 6.

Haveria assim espaço para a presença indiscutível de uma pequena originalidade local, paralelamente à genuína importação de artefactos ideotécnicos. A situação é assim completamente diferente da que se verifica nas outras áreas, até mesmo na de Alcalar.

À questão inicialmente formulada, a resposta parece ser: «sem dúvida que sim», a inspiração para as placas de xisto do Extremo Sul, e algumas delas próprias, provém do Alentejo e

dos conjuntos mágico-religiosos aí registados.

5. OS ARTEFACTOS VOTIVOS DE CALCÁRIO VÊM DO MEDITERRÂNEO OU DA PENÍNSULA DE LISBOA?

Os artefactos votivos de calcário constituem uma das mais notáveis manifestações de arte do mundo mediterrânico, sendo conhecidos, é certo que em épocas muito diversas, ao longo de toda a bacia do Mar Interno.

Na primeira metade do 3^o milénio a.n.e. verifica-se uma verdadeira explosão criativa na Península de Lisboa e são conhecidas dezenas de variações a um tema único, o do betilo, acompanhadas por representações impossíveis de identificar, acompanhadas por outras, que se referem a aspectos da simbólica mais acessíveis, e outros ainda conectados com o ritual do ocre vermelho, como é o caso dos pequenos almofarizes onde ele era triturado.

Formas de artefactos votivos de calcário mais frequentes em Portugal:

1. ídolos betilo
 - 1.1. cilíndricos
 - 1.2. hiperbolóides
 - 1.3. rombóides
 - 1.4. cónicos
 - 1.5. cónicos truncados
 - 1.6. ídolos fálicos
 - 1.7. ídolos tipo Moncarapacho
2. ídolos afuselados (geralmente gravados)
3. ídolos pinha
4. ídolos alcachofra
5. lúnulas
6. “peitorais”
7. enxós encabadas
8. “graaes” ou almofarizes
9. vasos
10. caixas rectangulares

Formas raras ou de difícil interpretação:

11. “peso de balança” (Gruta do Correio-Mor)
12. ídolos antropomórficos tipo cogumelo, com ou sem indicação dos seios (Pêra)
13. “cabeça de maça” (Gruta do Correio-Mor)
14. ídolos afuselados com espigão para fixação
15. diversos ou inclassificáveis (“tentáculo de polvo” de Carenque, placas encurvadas do Correio-Mor e do *tholos* da Praia das Maças, “cadinho” de Alcalar 2, esferas do *tholos* da Praia das Maças, toneliforme de Casaínhos...)

QUADRO 3: principais formas de artefactos votivos de calcário recolhidos em Portugal

De este amplo conjunto, conhecem-se no Algarve, até ao momento, apenas quatro tipos: os betilos (mas nem todas as suas variantes), os vasos de calcário, os ídolos antropomórficos tipo cogumelo, com ou sem indicação dos seios, e os almofarizes.

Curiosamente, nenhuma das formas que faz a originalidade da Península de Lisboa foi até hoje identificada.

Mas os vasos de calcário e os almofarizes são comuns no mundo mediterrâneo e os betilos (lisos ou com Olhos de Sol) bem como os ídolos antropomórficos tipo cogumelo estão presentes em todo o Sudoeste e, mesmo, no Sudeste peninsular.

Temos assim que existem consideráveis diferenças de conteúdo entre os conjuntos e colecções (no velho sentido, tão oportunamente evitado por alguns, que Childe dava aos termos) da Península de Lisboa e do Extremo Sul. A carga mediterrânea está presente em todas as figurações, mas a explosiva diversidade do Centro de Portugal não se encontra a Sul, talvez por aí estarmos perante uma periferia efectiva, tanto em função da Andaluzia como da Península de Lisboa.

Deve também chamar-se a atenção para que, mesmo quando o seu formato o parece indicar, a carga fálca dos betilos é muito duvidosa (salvo em casos óbvios), sobretudo quando surgem com os Seios ou os Olhos de Sol próprios da Deusa. A mesma aliás que surge nos suportes de osso polido do Cerro do Castelo de Santa Justa, na cerâmica do Cerro do Castelo de Corte João Marques ou do *tholos* do Monte do Outeiro ou nas placas de xisto gravadas da região de Évora.

Na Península de Lisboa, os artefactos votivos de calcário surgem tanto em ambien-

tes tradicionais de enterramento como de *habitat*, mas também em situações novas no registo arqueológico, próprias do 3º milénio: grutas artificiais, *tholoi* e povoados fortificados. Ora se os *tholoi* têm, aparentemente, um largo espectro cronológico *de construção*, o espectro longo das grutas artificiais é um espectro *de utilização*, sendo muito provavelmente extremamente curto o período em que foram escavadas no calcário brando.

E, falando de cronologias, e como já tive oportunidade de escrever, «Tudo isto, contextos analisados, nos levaria a afirmar que a utilização dos artefactos votivos de calcário se inicia na Estremadura nos inícios do 3º milénio (em anos de calendário) e que esta prática se mantém até finais do milénio. Dizer outra coisa, como alguns dados permitiriam, seria inadequado, perante a insuficiência de datações ¹⁴C e a duvidosa fiabilidade dos contextos.»⁸.

6. OS HIPOGEUS TRADUZEM UMA INFLUÊNCIA ANDALUZA?

Não é fácil responder ou tentar responder a esta questão, consideravelmente mais difícil que a referente à que diz respeito aos artefactos votivos de calcário.

E teoricamente não deveria ser assim, uma vez o suporte dos artefactos votivos de calcário ser o mesmo que aquele em que são escavadas (esculpidas) as grutas artificiais tipo coelheira das Penínsulas de Lisboa e Setúbal ou os hipogeus tipo Monte Canelas. Ou os *tholoi* de aparelho calcário...

Na realidade, a prescrição mágico-religiosa que determina escavar no calcário brando sepulturas colectivas, que se constituem como uma estrutura negativa, com uma ou mais câmaras e Corredor de acesso, é uma prática que se encontra em quase toda a bacia medi-

terrânea, com particular incidência em lugares tão inesperados como as ilhas, veja-se o caso da Sardenha.

São situações conhecidas. No caso do Ocidente peninsular, ou mais propriamente do Sudoeste e do Sudeste, o caso extremo parece ser as Penínsulas de Lisboa e Setúbal, onde se conhecem núcleos reunindo diversos monumentos associados numa única necrópole. No outro extremo, as situações de Millares, Jaén, Málaga, Cádiz e Sevilla justificariam uma nova reavaliação, dificultada é certo pela escassez de informação disponível.

O caso de Monte Canelas, no Extremo Sul, não parece ter que ver com as situações referidas nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal, sendo muito interessante a estrutura de Câmara dupla que apresenta. Pela arquitectura, a vizinha Andaluzia parece-me um quadro de referência preferencial, justamente reforçado e valorizado pela presença de indicadores que apontam uma forte influência andaluza na linha litoral durante todo o 3^o milénio (e certamente muito antes).

Mas o espólio –ainda em estudo– virá certamente justificar uma discussão melhor fundamentada, sendo que a presença de placas de xisto gravadas pode representar, eventualmente, uma segunda fase de utilização deste notável sepulcro colectivo.

Assim, poderíamos, com alguma displicência, referir à Andaluzia e às suas florescentes comunidades da transição do 4^o para o 3^o milénio hipogeus como Monte Canelas, se não houvesse que fazer uma ressalva, escolhendo um exemplo que muitas vezes uso.

Com efeito, às diversas manifestações do megalitismo de Huelva e do Alentejo médio correspondem

1. arquitecturas por vezes muito distintas;
2. espólios artefactuais praticamente idênticos.

Parece, assim, ser na concepção arquitectónica que em grupos megalíticos como o de Reguengos de Monsaraz e Huelva, lidos comparativamente, reside a originalidade local, sendo homogéneos e idênticos os conteúdos votivos e até mesmo, provavelmente, os ritos fúnebres.

Aparentemente, no caso dos hipogeus, a questão, se não pode com segurança ler-se ao invés, também não é certo que corresponda a uma idêntica situação. Pesando na balança a particularidade das grutas artificiais da Península de Lisboa, tipo coelheira, apresentarem uma construção tão semelhante entre si que dificilmente se vê terem sido feitas por gente culturalmente diferenciada.

Mais uma vez, se a arquitectura foi importada, os espólios parecem ser locais. O que está longe de ser contraditório.

7. OS THOLOI DE ALCALAR E DO ALGARVE ORIENTAL TÊM QUE VER COM O ALENTEJO?

Esta é certamente o que os nossos vizinhos para além do Oceano chamariam uma «tricky question». E para que o fosse menos (sem, no entanto, deixar de o ser) bastaria acrescentar «... e com a Península de Lisboa?».

Com efeito, as estruturas construídas e os artefactos votivos do Algarve aproximam-se mais dos da Península de Lisboa que de aqueles que encontramos em Montemor, Reguengos de Monsaraz, Badajoz, que constituem uma unidade apreciável pela coerência.

Aqui, uma vez mais, o que tem perturbado alguns investigadores parece ter sido o passado colonial de portugueses e espanhóis, que, na gente de esquerda que faz arqueologia, provoca um horror instintivo a palavras como «colonialismo», «difusionismo» ou mesmo «importação». O que, se é em si mau,

pelo preconceito e desfasamento histórico, se torna ainda pior quando falamos de sociedades com um grau de mobilidade muito particular, e de vastas áreas onde se movimentavam grupos de agricultores, pastores e metalurgistas. E não deixa de ser curioso que o «colonialismo» fenício ou romano não seja contestado (por impossível, consideradas as fontes históricas), mas tudo o que o anteceda seja objecto de desconfiança e suspeita e os que fogem ao paradigma acusados de visões primárias ou simplistas (o que é bem pior que simplificadoras).

Na realidade, toda a primeira metade do 3º milénio, mas sobretudo os seus primeiros três séculos, regista uma densidade factual impressionante, um ritmo verdadeiramente frenético de desenvolvimento de padrões comportamentais, quer a nível do universo dos vivos quer do mundo dos mortos.

Ao contrário do que acontece no Alentejo, os *tholoi* de Alcalar apresentam uma considerável variabilidade construtiva, ainda que os seus recheios votivos não se afastem, se não pelos artefactos votivos de calcário, e pela raridade das placas de xisto gravadas. Os artefactos votivos de calcário existem em monumentos alen-

tejanos, como Monte Novo dos Albardeiros, ou no tardio complexo funerário dos Perdigões em Reguengos de Monsaraz, por exemplo, mas sem a presença e diversidade das extensas e notáveis séries das Penínsulas de Lisboa e Setúbal, onde eles surgem em grutas naturais, artificiais, *tholoi*...e povoados...

TERMINANDO...

Como deve ter ficado claro, às sete «questões mais frequentes» (para quem se preocupa ainda com formular questões) respondi com outras questões e algumas poucas respostas.

Numa conhecida óptica, seria imperdoável tal aparente ausência de *performance*, a não ser se tomarmos em conta um factor que creio impossível de esquecer, a «teoria da verdade única e das múltiplas possibilidades». Para mim, mesmo que um fenómeno tenha eventualmente uma única explicação, imediata e «verdadeira», o facto de geralmente a desconhecermos origina diversas e legítimas vidas paralelas. Tantas quantas correspondem aos olhares fundamentados que sobre ele podemos focar.

Lisboa, Primavera de 2004

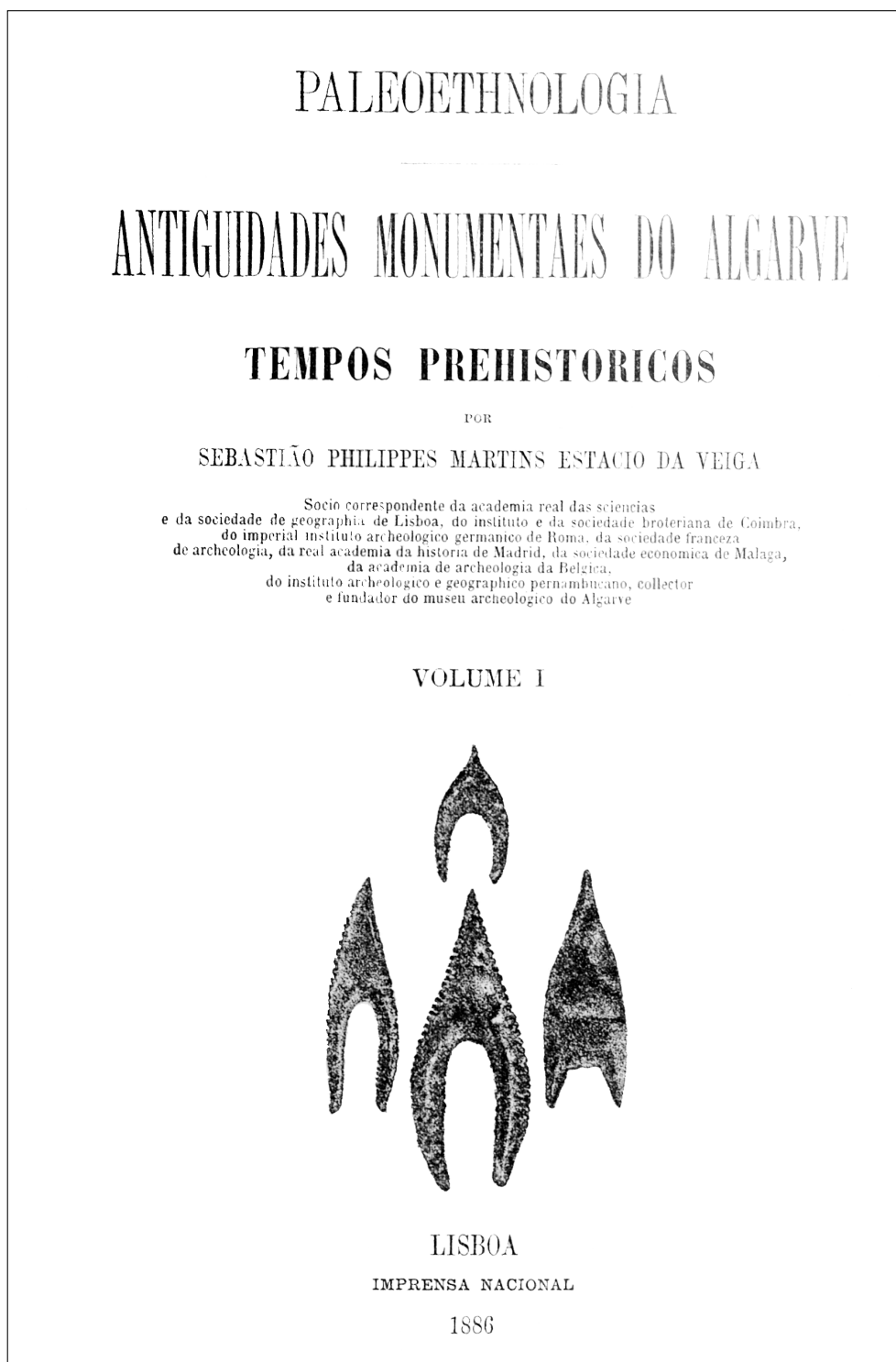


Fig. 2A e 2B Rosto dos volumes 1 e 3 das *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, de Estácio da Veiga, publicados respectivamente em 1886 e 1889, ainda hoje uma referência indispensável para o megalitismo do Extremo Sul. Aqui se publicaram os notáveis conjuntos de Alcalar, bem como os monumentos de Nora e Marcela e o sítio de Aljezur. As *Antiguidades* são um dos grandes trabalhos pioneiros de cartografia arqueológica a nível mundial e representam um dos pontos mais altos da arqueologia portuguesa do séc. XIX

PALEOETHNOLOGIA

ANTIGUIDADES MONUMENTAES DO ALGARVE

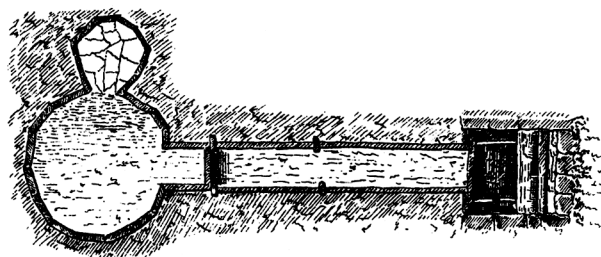
TEMPOS PREHISTORICOS

POR

SEBASTIÃO PHILIPPES MARTINS ESTACIO DA VEIGA

Socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa, do instituto e da sociedade broteriãna de Coimbra, do imperial instituto archeologico germanico de Roma, da sociedade franceza de archeologia, da real academia de historia de Madrid, da sociedade economica de Malaga, da academia de archeologia da Belgica, do instituto archeologico e geographico pernambucano, collecter e fundador do musen archeologico do Algarve

VOLUME III



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1889

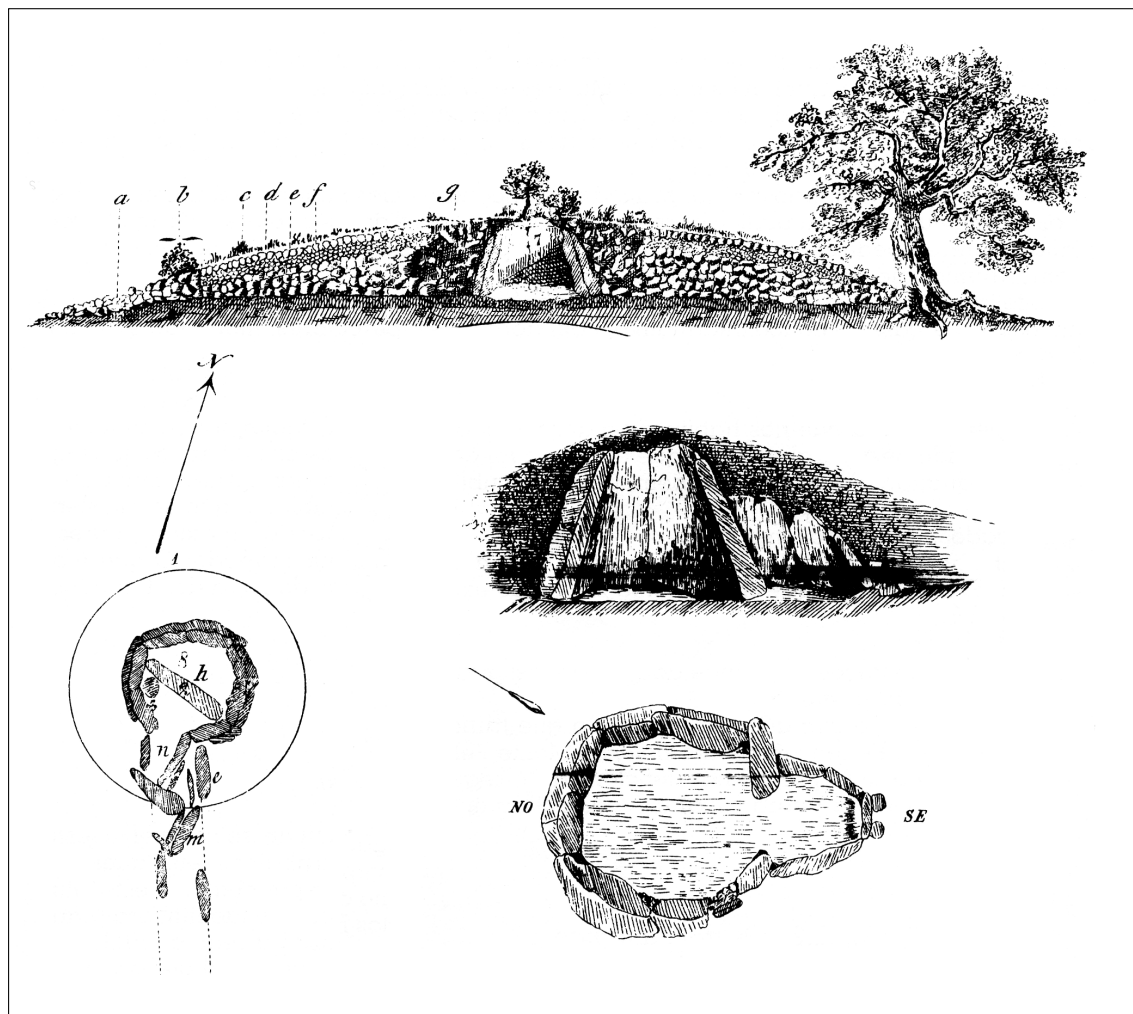


Fig. 3 A anta 1 de Alcalar, segundo Estácio da Veiga. Este monumento ortostático, de construção extremamente sólida, apresenta um Corredor curto, idêntico ao de muitos monumentos alentejanos, mas também um *cairn*, situação bem menos frequente. O detalhe do desenho mostra-nos como o Corredor era fechado, possivelmente com um opérculo semelhante ao usado na Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, em Reguengos de Monsaraz

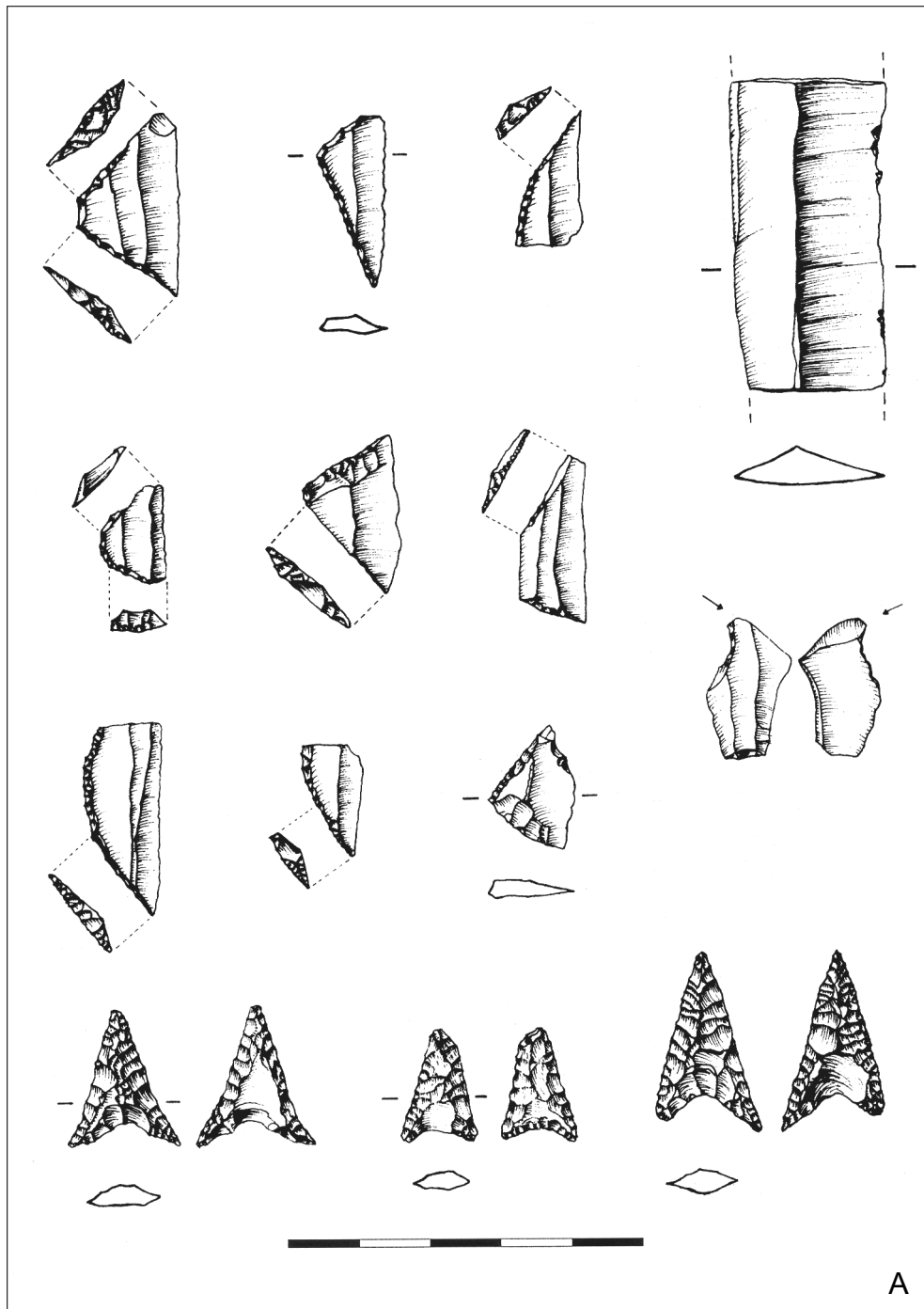


Fig. 4 Espólio de antas do Alto Algarve Oriental. A: Pedras Altas (Tavira)

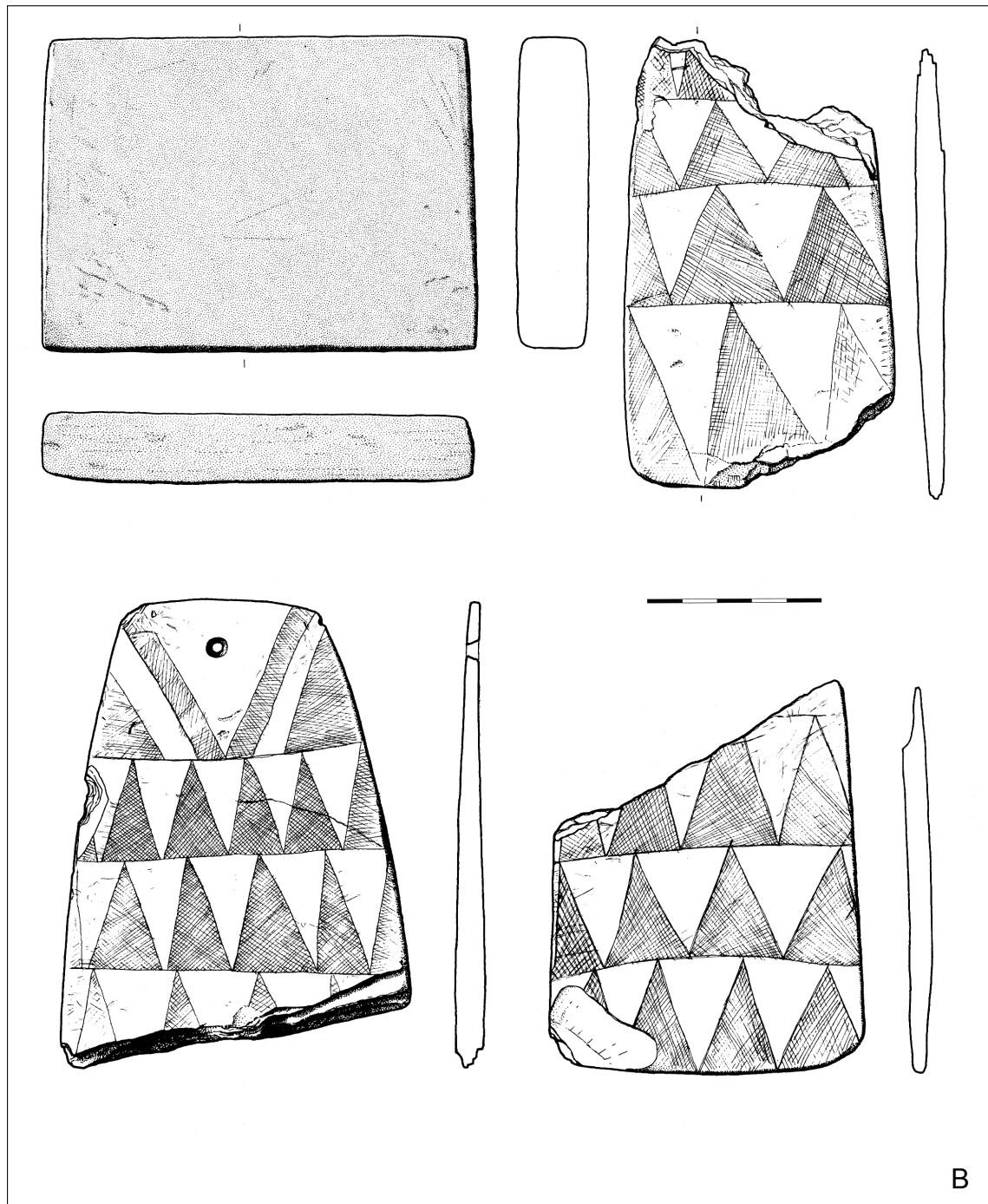


Fig. 4 Espólio de antas do Alto Algarve Oriental. B: Castelhana (Alcoutim). A convivência de geométricos (e um microburil...) com pontas de seta de base côncava, e lâminas, nas Pedras Altas, poderia indicar ou a existência de dois enterramentos diferenciados ou a sobrevivência de artefactos de origem microlaminar num contexto cronologicamente mais evoluído. Na imagem seguinte, placas de xisto gravadas tipicamente alentejanas coexistem com uma placa lisa e com cerâmicas (não representadas), próprias dos inícios do 3º milénio a.n.e. Segundo Gonçalves, 1989, vol. 2

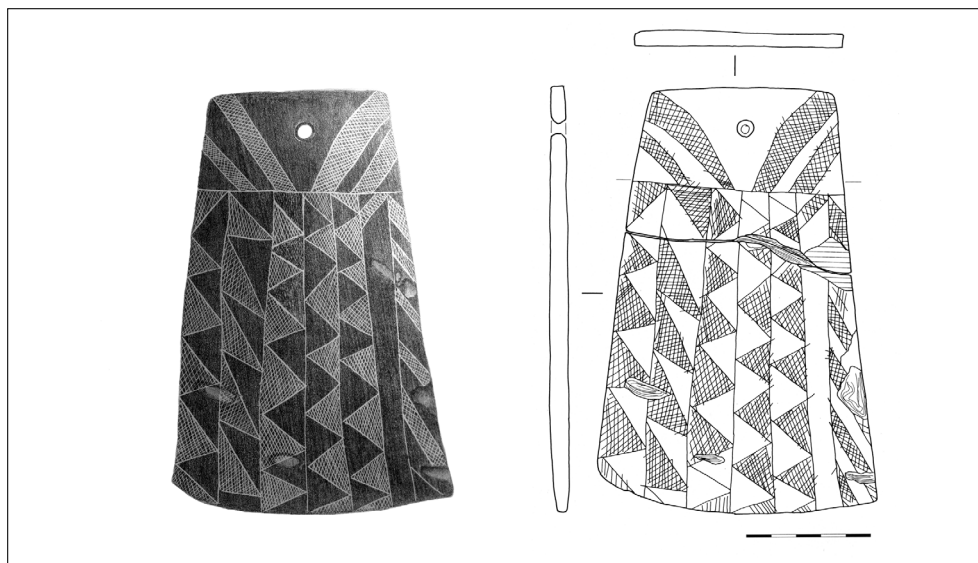


Fig. 5 Placa de xisto gravada de Aljezur (Algarve), segundo Estácio da Veiga e um seu desenho recente destinado ao estudo monográfico sobre as placas de xisto gravadas de Aljezur, a publicar em «O Arqueólogo Português», vol. 22, sendo muito curioso registar as diferenças, que traduzem a processo de idealização e «normalização» dos componentes da decoração no desenho de artefactos, verificado em finais do séc. XIX. Com efeito, o desenhador oitocentista da placa regularizou o desenho, endireitando a banda interior direita da Cabeça da placa, «criando» triângulos preenchidos na segunda coluna vertical a contar da esquerda do Corpo e preenchendo triângulos vazios no original, no topo das colunas 4 e 5, e deixando por preencher um segmento irregular de faixa oblíqua na base da coluna 6

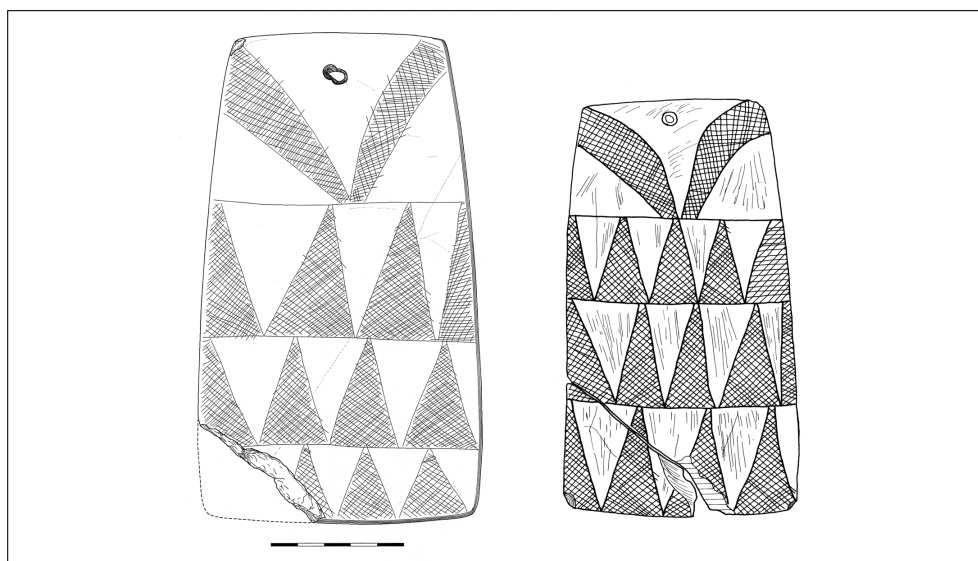


Fig. 6 Duas placas de xisto gravadas, a primeira do *tholos* do Escoural (Montemor o Novo, Évora) e a segunda de Aljezur (Algarve). A paginação da Cabeça é exactamente a mesma (e poderíamos citar pelo menos outra placa, do monumento da Pedra Branca, Montum, Melides, onde o mesmo se verifica), tal como os motivos e as bandas do Corpo. A utilização de identidades óbvias no processo de representação simbólica das placas de xisto gravadas evidencia o que já se avançou em relação a placas de STAM-3, Anta Grande do Zambujeiro, *Tholos* do Escoural ou Huelva: as grandes oficinas de placas alentejanas exportaram produtos de seu fabrico para áreas relativamente distantes, num processo que lembra o da comercialização moderna das cerâmicas dos centros oleiros alentejanos, como foi, até há pouco o caso dos barros de Beringel, lendários pela frescura que davam à água que continham e muito procurados bem longe de Beja

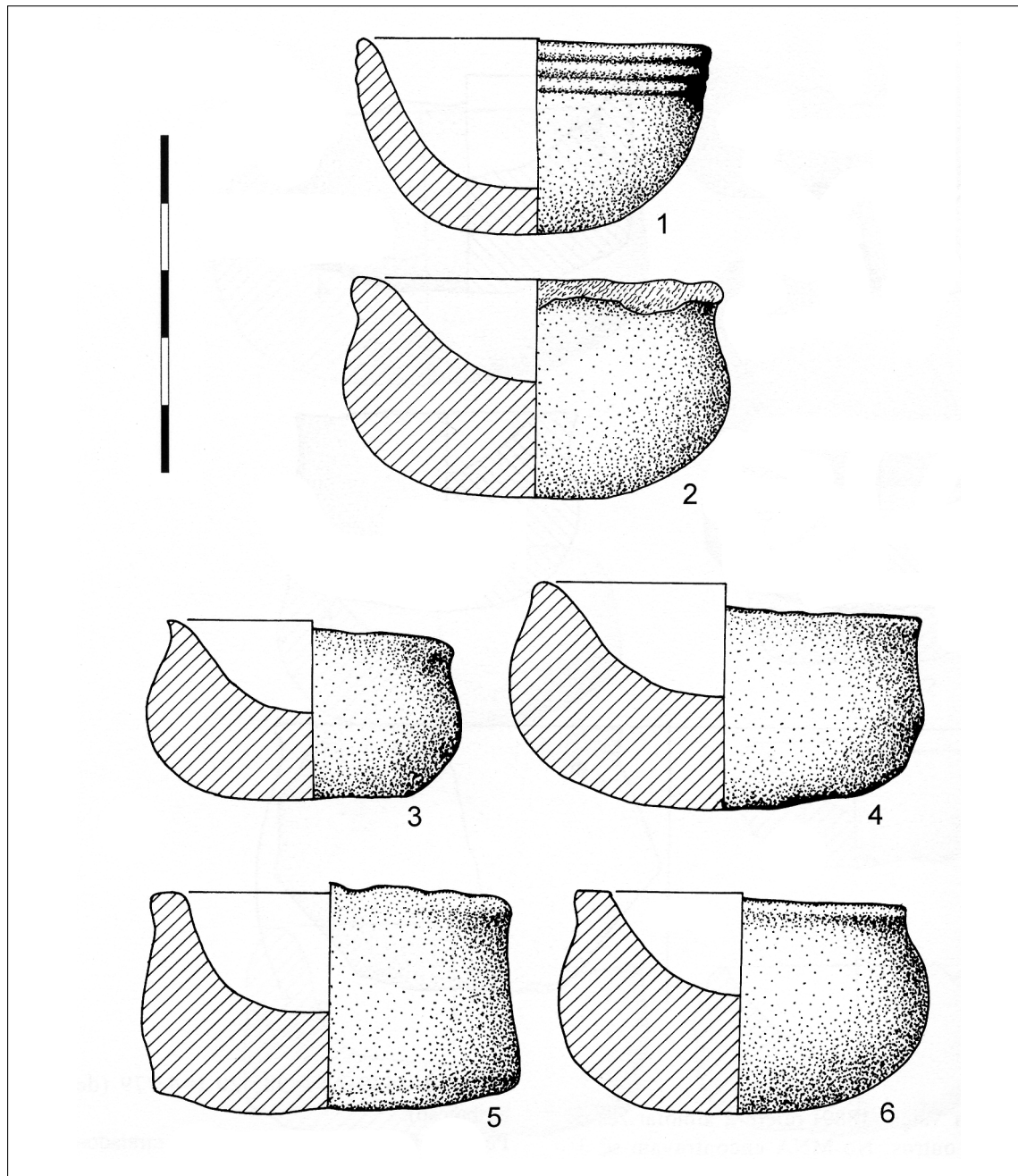


Fig. 7 Artefactos votivos de calcário de Alcalar, segundo Gonçalves, 1995. Uma pequena taça canelada e almofarizes destinados a moer o ocre usado nos rituais fúnebres. Podem chamar-se «votivos», mas foram, na realidade, bem funcionais

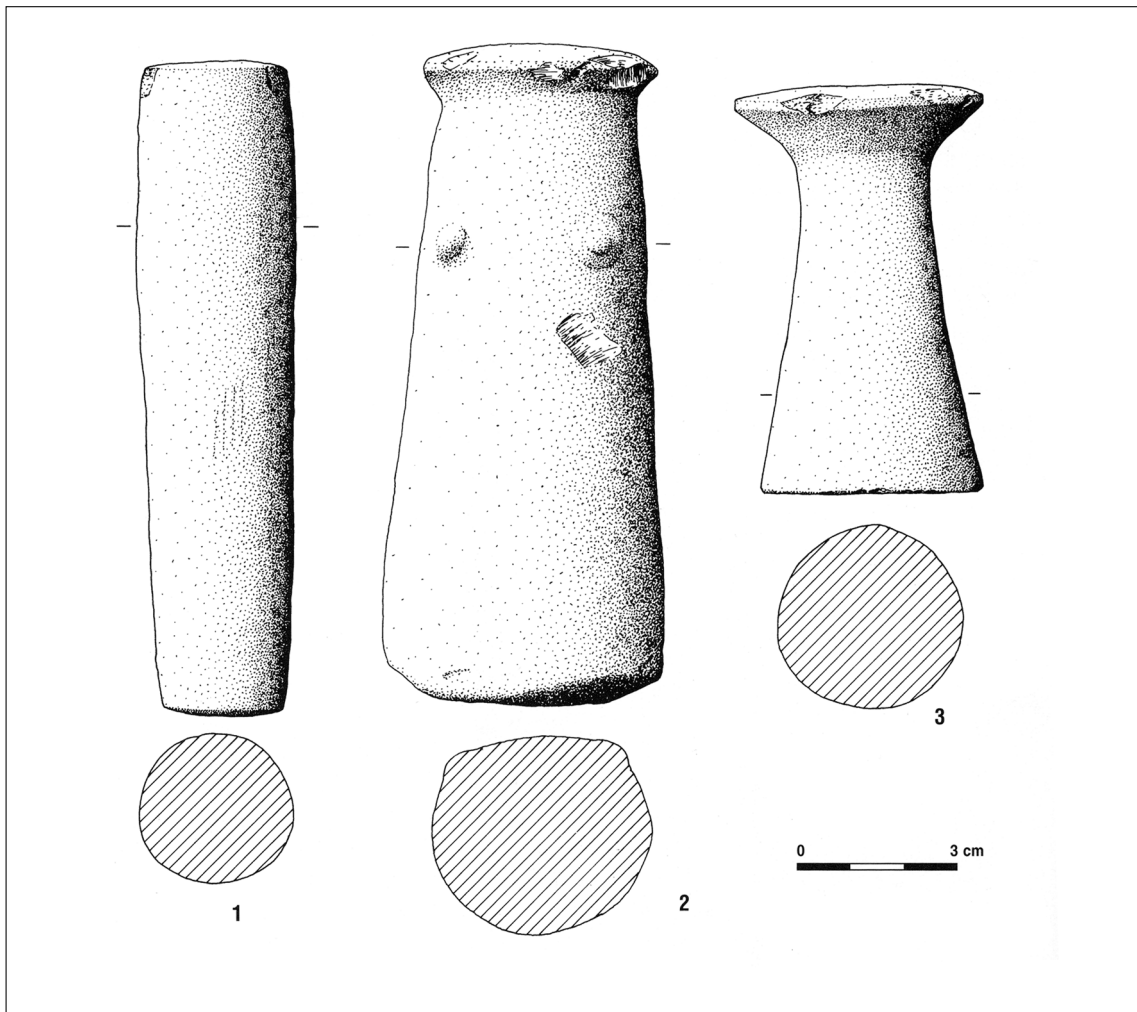


Fig. 8 Artefactos votivos de calcário provenientes de Pêra, Silves, imagens segundo Cardoso, 2002, retocadas. De tão óbvia, é desnecessário sublinhar a semelhança com as figurinhas andaluzas

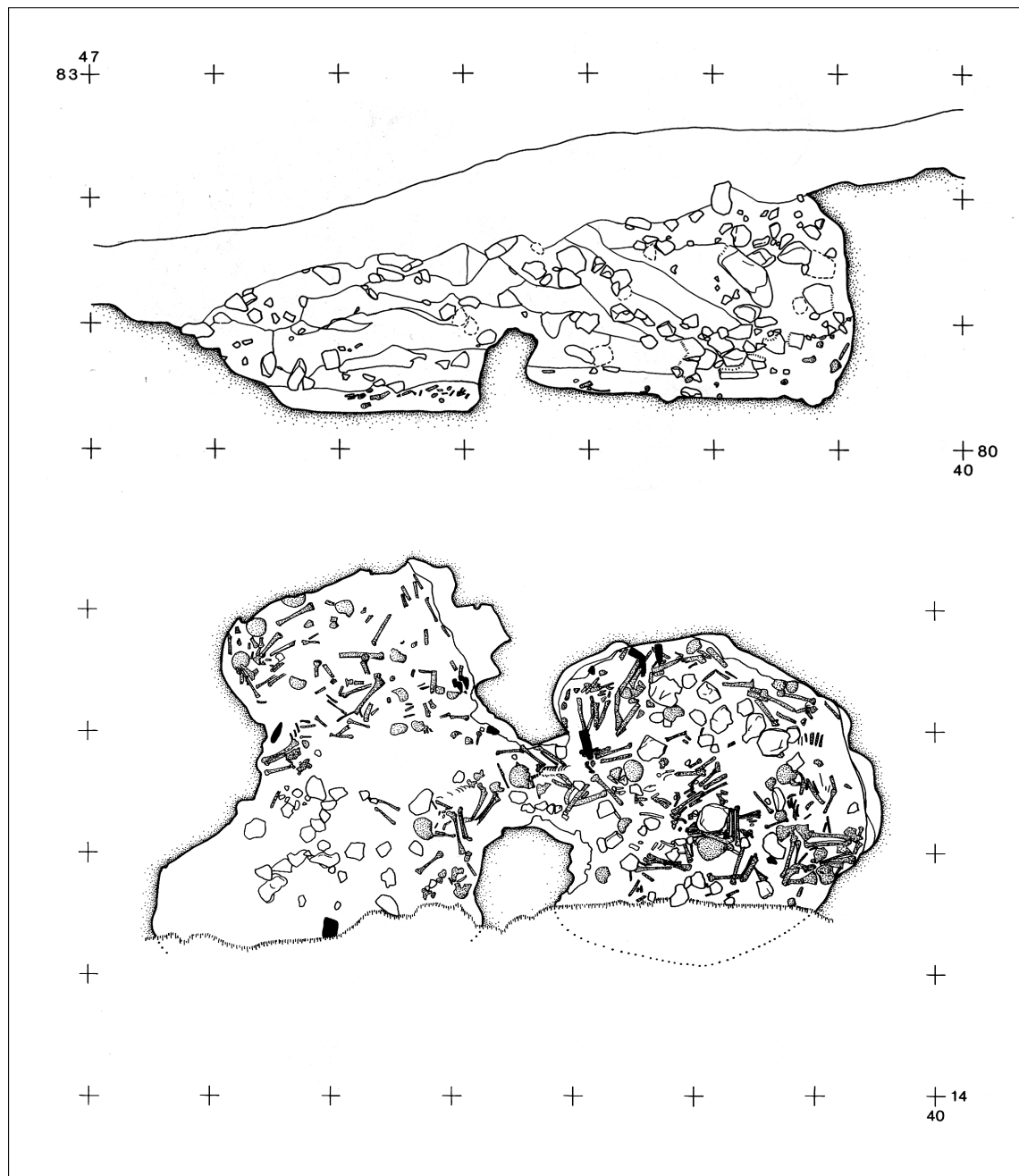


Fig. 9 O hipogeu de Câmara dupla de Monte Canelas, em Corte, e o plano de base, segundo Parreira e Serpa, 1995, remontadas. Nas imagens, pode observar-se um *tholos* de Câmara e Corredor revestido com lajes, idêntico a monumentos alentejanos, extremeños e andaluzes (monumento 3), outro em que o Corredor é de construção mista (monumento 2) e Alcalar 7, com a Câmara totalmente em falsa cúpula, como em alguns monumentos da região de Lisboa e no *tholos* OP-2d, em Reguengos de Monsaraz

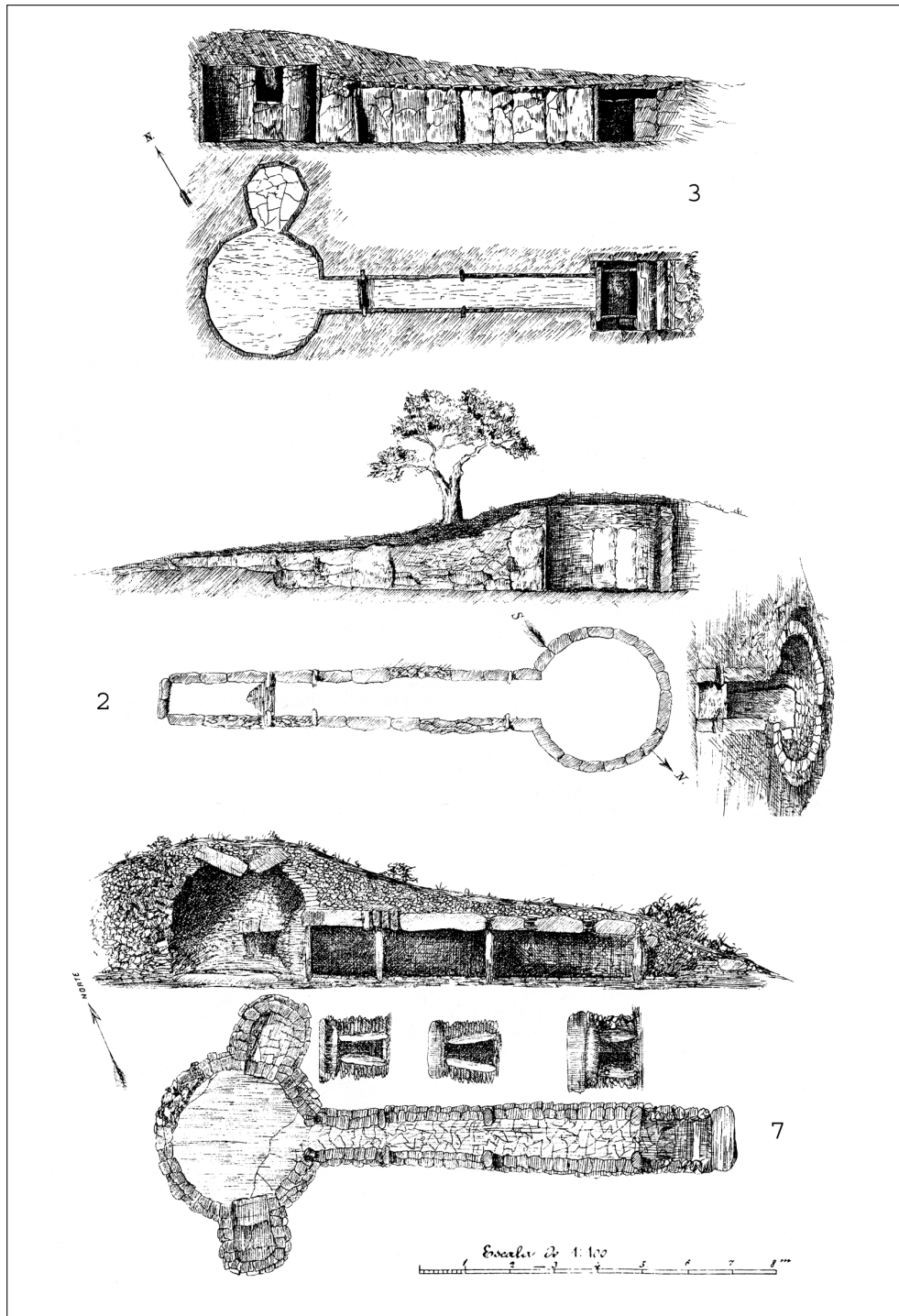


Fig. 10. A – *Tholoi* de Alcalar, segundo Estácio da Veiga.

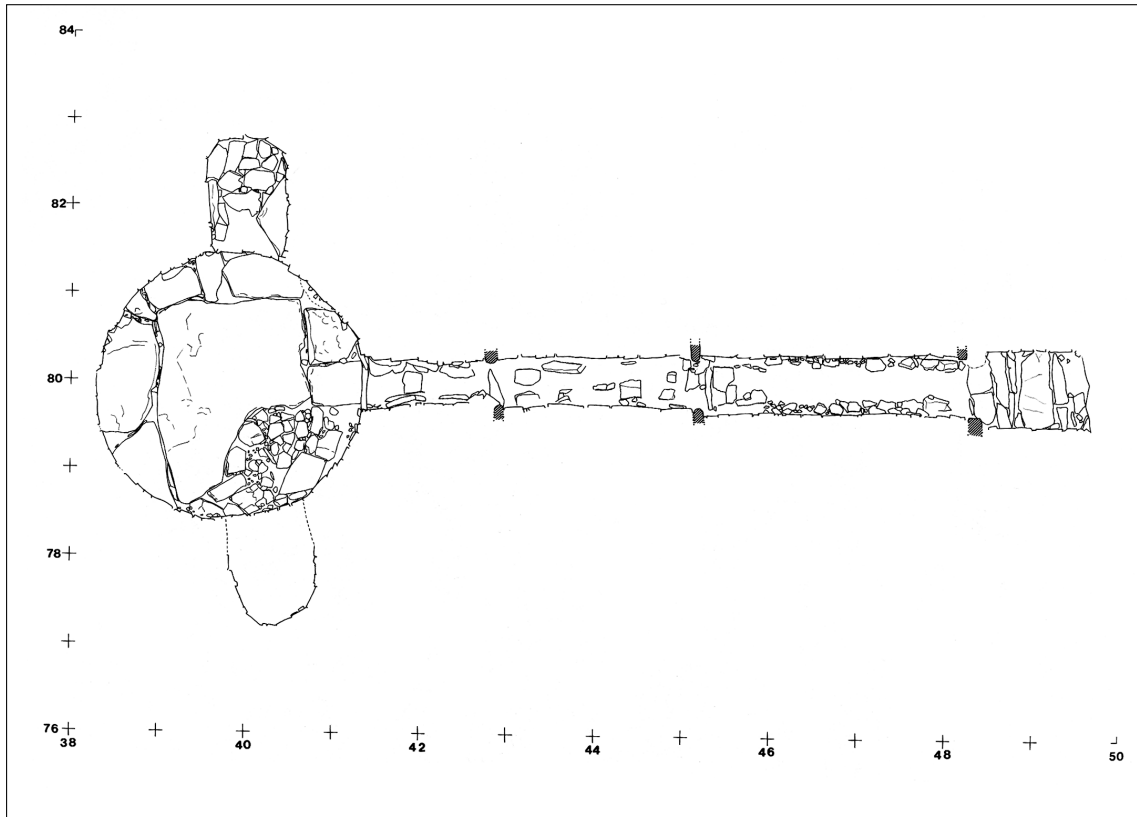


Fig. 10. B – *Tholos* Alcalar 7, após os trabalhos recentes (segundo Parreira e Serpa, 1995)

REFERENCIAS

- CARDOSO, J. L. e SOARES, A. M., (1995): “Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa”, *Al-madan*, 2^a s. 4: 10-13.
- CARDOSO, J. L., (2002): “Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado no quadro do Calcolítico do sul peninsular”, *Arqueólogo Português*, 4^a Série. Vol. 20: 61-76.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. V. e VIANA, A., (1953): “Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 14: 66-225.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. e CUNHA, A. S., (1994): “A sepultura de Castro Marim”, *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*, 80: 99-105.
- GOMES, M. V., (1997): “Megalitismo do Barlavento algarvio: breve síntese”, *Setúbal Arqueológica*, Vol. 11-12: 147-190.
- GONÇALVES, V. S., (1980): “Dois novos ídolos tipo Moncarapacho”, *Setúbal Arqueológica*, 4: 47-58.
- (1982): “O povoado calcolítico do Cabeço do Pé da Erra (Coruche)”, *CLIO*, Vol. 4: 7-18.
- (1983-84): “Cabeço do Pé da Erra (Coruche), contribuição da Campanha I(83) para o conhecimento do seu povoamento calcolítico”, *Clío/Arqueológica*, 1: 69-75.
- (1989a): “Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada. Lisboa: UNIARQ/INIC. 2 vols.
- (1989b): “Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular”, *Almansor*, Montemor-o-Novo: Câmara Municipal, 7: 289-302.
- (1993): “Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar”. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 5^a Série. 15: 41-47.
- 1996[2003]: “Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4^o e 3^o milénios”, *OPHIUSSA*. Vol. Zero: 77-96.
- (1997a): “Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 2. A propósito dos artefactos votivos de calcário das necrópoles de Alcalar e Monte Velho”, *Setúbal Arqueológica*, 11-12: 199-216.
- (1997b): “As necrópoles de Monchique e o megalitismo do Algarve: algumas notas para uma futura revisão”. In *90 séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR, pp. 163-190.
- (1999): “Time, landscape and burials. 1. Megalithic rites of ancient peasant societies in central and southern Portugal: an initial overview”, *Journal of Iberian Archaeology*. 1. Porto: ADECAP.
- (ed.) (2000): *Muitas antas, pouca gente? Actas do 1^o Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 16).
- (2003a), *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida* (Reguengos de Monsaraz). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- (2003b), *Sítios, «Horizontes» e Artefactos*, 2^a edição, Cascais. Câmara Municipal.
- (2003c): “Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. A «síndrome das placas loucas», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6.1: 131-157.
- (2003d): “O Algarve Oriental nos 4^o e 3^o milénios”. In *Tavira, território e poder*. Lisboa: IPPAR. pp. 21-35.
- (ed.) (2003e): *Muita gente, poucas antas? Actas do 2^o Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 22).
- (2004): “Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação sobre os limites fluidos do figurativo lidos a partir de componentes de algumas placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e.”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7.1: 165-183.
- LEISNER, G. e V., (1959): *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- OLIVEIRA, C., (2001): *Lugar e memória. Testemunhos megalíticos e leituras do passado*. Lisboa: Edições Colibri.
- PARREIRA, R. e SERPA, F., (1995): “Novos dados sobre o povoamento da região de Alcalar (Portimão) no IV e III milénios AC”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35: 3: 235-256.
- SANTOS, M. F. e FERREIRA, O. V., (1969): “O monumento eneolítico de Santiago do Escoural”, *O Arqueólogo Português*, Série 3. 3: 37-62.
- SILVA, A. M., (1996): “O hipogeu de Monte Canelas I (IV-III milénios AC): estudo paleobiológico da população humana exumada. Coimbra”: Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Policopiado.
- VEIGA, S. Ph. E. Da, (1886, 1887, 1889, 1891): *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*. Lisboa. Imprensa Nacional.
- VIANA, A. e FORMOSINHO, J., (1942): “Arqueologia pré-histórica do concelho de Monchique”, *Ethnos*, 369-389.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. e FERREIRA, O. V., (1948): “Duas raridades arqueológicas”, *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros auxiliares*, 24: 1-18.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. V. e FORMOSINHO, J., (1949): “Necrópolis de las Caldas de Monchique. Investigaciones de 1948 y 1949”. *Archivo Español de Arqueologia*, 22: 291-312.
- (1950): “Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Investigações de 1948 e 1949”, *13^o Congresso luso-espanhol para o progresso das Ciências*. Lisboa. 8: 75-89.
- (1954): “Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Relance das explorações nas necrópoles da Idade do Bronze do ano de 1937 ao de 1944”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 15: 17-54